

CRÍTICA AO MANIFESTO FEMINISTA: PODERÁ A REVOLUÇÃO SER OBRA DAS MULHERES?²

Jaciara Veiga³

Lançado em 14 de março de 2018, o livro *Feminismo para os 99%: um manifesto* (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER), se apresenta como resposta para o momento da atual “crise do capitalismo” que, segundo suas autoras não seria somente econômica, mas também política, ecológica e da reprodução social. “É um manifesto, uma provocação, um chamado à luta feminista anticapitalista, ecosocialista, antirracista, internacionalista” (*ibdem*, p. 20). Diante das constantes “crises do capitalismo”, cujo resultado “é um imenso vácuo de liderança e organização — e uma sensação crescente de que alguém deve ceder” (*ibdem*, p. 46), as feministas (não todas, mas as que fazem parte dos 99%)⁴ se viram confrontadas a assumir uma posição, pois “o tempo de ficar em cima do muro passou” (*ibdem*, p. 27).

Posto isto, elas se propõem a atacar o capitalismo pela raiz. Este ataque, por sua vez, se “dará através da luta que une todos os grupos oprimidos, explorados, dominados”, tendo as mulheres como “protagonistas”, afinal, como elas mesmas afirmam: da radicalidade das mulheres depende a própria sobrevivência e a dignidade dos 99% dos quais elas fazem parte. Desta forma, assim como o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, seu manifesto seria também “planetário e revolucionário” (*ibdem*, p.20). No entanto, este ataque não passa de uma suposição, mero discurso; isso porque, embora se coloquem como anticapitalistas, no decorrer do “manifesto” fica evidente que as autoras buscam apenas por reformas, tais como ampliação de direitos, de serviços públicos em geral etc., dentro do próprio capitalismo.

Todavia, acreditando que o cenário político atual — diferente daquele em que viveram Marx e Engels — está repleto de armadilhas, fraturado e heterogêneo, sendo, nesse ínterim, difícil imaginar uma força revolucionária unificadora (*ibdem*, 2018), as

² O presente artigo se limitará tão somente a questionar um dos muitos pontos que consideramos questionáveis no livro *Feminismo para os 99%: um manifesto*, a saber, sua deformação da luta de classes.

³ Mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Goiás; militante autogestionária.

⁴ As feministas liberais (que fariam parte do 1%) são consideradas “serviçais” do capitalismo sendo, portanto, “inimigas” das feministas que fazem parte dos 99%.

“feministas” se veem numa encruzilhada e numa armadilha perigosa, se se considerar que as opções políticas para a atual crise se limitariam a duas:

por um lado, a variante “progressista” do neoliberalismo, que propaga uma versão elitista e corporativa de feminismo para lançar uma camada de verniz emancipatório para uma agenda predatória e oligárquica; por outro, uma variante reacionária do neoliberalismo, que segue agenda semelhante, plutocrática, por outros meios — acionando tropas misóginas e racistas a fim de lustrar suas credenciais “populistas” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, p. 99).

Diante destas estratégias, consideradas inimigas de um feminismo que se pretende “verdadeiramente emancipatório e majoritário” (*ibidem*, p. 99), o feminismo, para os 99%, se recusa a escolher um lado desta batalha. Nas palavras das autoras:

Nosso *Manifesto* encarna uma recusa em escolher lados dessa batalha. Rejeitando um menu que limita nossas escolhas a duas estratégias diferentes para gerenciar a crise capitalista, nós o escrevemos para impulsionar uma alternativa a ambos. Comprometidas não apenas em gerenciar a crise capitalista, mas em *solucionar* a atual crise, procuramos tornar visíveis e praticáveis algumas das possibilidades emancipatórias que os atuais alinhamentos obscurecem. Determinadas a romper a confortável aliança do feminismo liberal com o capital financeiro, propomos outro feminismo, um feminismo para os 99% (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER p. 100).

Este “movimento” para os 99%, afirma não agir isolado dos outros movimentos, e considera todas as lutas (anticapitalista, ecossocialista, antirracista) suas lutas. Por conseguinte, propõe um levante em “massa” contra o capital, onde as “feministas” estarão na dianteira (leia-se vanguarda)⁵ do mesmo. Buscando “construir” uma força anticapitalista ampla e poderosa que transforme a sociedade, acreditam que as várias “opressões”, apesar de possuírem características próprias têm raízes e são reforçadas

⁵ A ideia de vanguarda nada mais é que a ideia de direção (do partido, do grupo, da classe), e não tem relação alguma com o marxismo, mas com paradigma vanguardista. O vanguardismo é um paradigma pragmático que emerge com o leninismo, tornando-se primeiramente hegemônico com o stalinismo na Rússia, e depois em todos os países do capitalismo estatal. Tem sua base na mentalidade mais extremista e radicalizada da burocracia e, apesar de retirar suas bases intelectuais da episteme burguesa e não ultrapassar o horizonte da sociedade burguesa, faz um discurso contra a burguesia e um apelo ao proletariado, bem como ao conjunto das classes inferiores, utilizando alguns dos elementos formais do marxismo, e se autodeclarando “marxista”. Trata-se, portanto, de um pseudomarxismo, que é expressão intelectual de uma classe auxiliar da burguesia (de setores que buscam tomar seu lugar, efetivando uma nova forma de dominação), realizando com isso, uma mutilação e deformação do marxismo, transformando seus conceitos em construtos, e a teoria em ideologia. As ideologias vanguardistas assumem várias formas, e tem no leninismo sua manifestação mais desenvolvida (é um processo mental subjacente presente nele). Seu elemento fundamental é o dirigismo, onde a “vanguarda”, que tem acesso à ciência pode elaborar a “consciência socialista” e introjetá-la na classe operária, podendo assim dirigi-la. Derivado disso surge a ideia de vanguarda do proletariado, aquela que representa a classe operária e, consequentemente, a ideia do partido como elemento fundamental (símbolo da vanguarda, da liderança da classe) e prefiguração da sociedade futura. Nesse sentido, para os pseudomarxistas, a emancipação humana via revolução proletária só será possível se indivíduos de outras classes (intelectuais, burocratas) o ajudarem através da produção científica e organização partidária (VIANA, 2019; VIANA, 2017).

pelo mesmo “sistema social”, o capitalismo. Cabe, portanto, aos oprimidos superar as divisões postas pelo capital e desenvolver uma perspectiva norteadora que não somente celebre, mas que também não exclua estas diferenças (“cultura, raça, etnicidade, diversidade funcional, sexualidade e gênero”). Através da união destes movimentos tem-se como objetivo uma insurgência global de ampla base, que é ao mesmo tempo feminista, anticapitalista e antirracista. Ademais, é a partir de tal base que as feministas se comprometem a ser o agente revolucionário de nossa época, prometendo erradicar todas as formas de “violência” existentes na sociedade capitalista (*ibidem*, 2018).

A violência capitalista, em todas as suas formas, atinge a todos — exceto a uma pequena parcela da “população” (os 1%), segundo as feministas do manifesto. Todavia, consideram que as mulheres são suas maiores vítimas, tornando-as, por conseguinte, as responsáveis pela luta para solucioná-la (*ibidem*, 2018). Pasmem, o convite foi lançado: “mulheres de todo o mundo, uni-vos!”.

Não podemos negar que o “manifesto feminista” é um tanto audacioso. Escrever um trabalho cuja inspiração é o clássico *manifesto de Marx e Engels*, é deveras uma “tarefa hercúlea”, como as próprias autoras reconhecem (*ibidem*, p. 97). Tal tarefa torna-se ainda mais difícil uma vez que ao pretender “atualizar”, na verdade, o que fazem é recusar o marxismo e, a partir daí, realizar uma grotesca deformação de sua teoria da sociedade capitalista. Ao se colocarem como resposta à atual “crise do capitalismo”, as feministas para os 99%, se propõem a repensar algumas das ideias fundamentais do marxismo, desde o conceito do próprio capitalismo e suas crises⁶, até o conceito de

⁶ A categoria crise remete à possibilidade do fim de algo, ou seja, quando a reprodução deste algo é ameaçada ao ponto de significar sua superação. Deste modo, podemos falar em crise do capitalismo? O modo de produção capitalista é caracterizado pela produção de mais-valor, que se estabelece na relação social de exploração da burguesia (classe apropriadora de mais-valor) pelo proletariado (classe produtora de mais-valor), logo, uma crise do capitalismo só ocorre se a classe produtora, o proletariado, ameaçar romper com a reprodução das relações de produção e demais relações sociais capitalistas. Todavia, podemos falar que existem crises no capitalismo (crises financeiras, de governos, de legitimidade, dentre outras), que são crises não do modo de produção capitalista ou do conjunto da sociedade capitalista, mas sim dificuldades de acumulação capitalista por parte de frações desta classe. Essas crises, por sua vez, ocorrem com certa frequência e periodicidade, e podem/tendem a gerar uma crise do capitalismo. As crises no capitalismo são comuns e fazem parte da dinâmica da acumulação capitalista. As crises do capitalismo são produtos dos avanços da luta operária e/ou sua articulação e generalização de organizações autárquicas junto aos setores contestadores e inconformados, o que aponta para uma recusa geral da sociedade capitalista e um momento de avanço da hegemonia proletária (VIANA, 2014; MARX, 2017).

classe e, logo, o de luta de classes. Esta última, por sua vez, é a deformação fundamental realizada no *manifesto feminista*, e foco de nossa crítica.

Marx, ao longo do desenvolvimento de sua teoria do capitalismo, afirma que o modo de produção é caracterizado pelo modo como os seres humanos se associam para produzir e reproduzir os seus meios de vida. Nas sociedades classistas esta associação é marcada pelas lutas de classe. E é nela que encontramos a direção do processo de produção e a forma de exploração do trabalho. A partir do momento em que se impõe uma atividade exclusiva e determinada, da qual o indivíduo não escolhe voluntariamente, e da qual ele não pode fugir, é que surgem as classes sociais e as lutas entre elas. Na imposição e “fixação” das atividades (onde se domina a força de trabalho), é que os indivíduos podem se reconhecer pertencentes a uma classe, uma vez que, essa fixação produz conflito de interesses, dentre esses, o de interesses de classes.

As classes sociais, portanto, são caracterizadas por um conjunto de indivíduos que possuem condições de vida comuns, oposição em relação a outras classes e interesses comuns, derivados da divisão social do trabalho. A classe é relacional, só existe em relação com as outras classes, e essa relação é de oposição e de luta. No capitalismo, essa luta ocorre fundamentalmente entre a burguesia e proletariado. E este último, surge como a classe que porá fim à relação de exploração, pois, é uma classe social cujos interesses particulares são simultaneamente os interesses universais, que expressam a dissolução da sociedade de classes, sendo, por conseguinte, o agente da revolução social e da emancipação humana (MARX, 2007a; MARX, 2007b; MARX, 2017; VIANA, 2017b).

Para as autoras do manifesto, o capitalismo é, por definição, uma sociedade de classe, onde uma minoria “acumula lucros” por meio da exploração de uma maioria, que “trabalha por salários”. No entanto, ele também seria a origem da “opressão de gênero” e “seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-lo ao segundo” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2018, p. 51). E, apesar do “trabalho de produção de pessoas”, isto é, “a reprodução social”, ser de fundamental importância para a sociedade, ele é ignorado — o capitalismo relega a uma posição de submissão quem o realiza, ou seja, as mulheres. No entanto,

o trabalho de produção de pessoas supre algumas das condições — materiais, sociais e culturais — fundamentais para a sociedade humana em geral e para a produção capitalista em particular. Sem ele, nem a vida nem a força de trabalho estariam encarnadas nos seres humanos (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2018, p. 52).

Desta forma, a “reprodução social”⁷ passa a ser compreendida por tais feministas como central na sociedade capitalista, levando-as a repensar o conceito “tradicional” de classe e das lutas de classes.

Uma vez que compreendemos a centralidade da reprodução social na sociedade capitalista, não podemos mais encarar de modo habitual a classe. Contrariamente ao entendimento tradicional, o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram “a mão de obra”, mas também as relações que a geram e a repõem. [...] Essa lente também expande nossa visão de luta de classes. [...] Para nós, o ponto crítico e a chave para compreender o presente é que *a luta de classes inclui batalhas em torno da reprodução social* (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2018, p. 54-55).

Em resumo, para as feministas do manifesto, o capitalismo “mudou”, e consigo a “classe universal”, logo, a luta de classes também. A “crise” pela qual passa a sociedade capitalista é uma crise da “reprodução social”, fazendo com que as lutas sejam em torno desta e, como as mulheres são suas maiores vítimas, elas é que devem estar “à frente” da luta na busca por solucioná-la. Para elas, as mulheres são, portanto, o agente revolucionário de nossa época.

Ao contrário do manifesto feminista, o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, aponta que “*a história de todas as sociedades até hoje é a história da luta de classes*”⁸ (MARX; ENGELS, 2007, p. 40), isto é, todas as sociedades anteriores se basearam, fundamentalmente, no antagonismo entre a classe apropriadora e a classe produtora (no capitalismo, entre burguesia e proletariado). Nesse sentido, as proposições do *Manifesto Comunista*, bem como de toda a teoria marxista, baseiam-se não em ideias ou

⁷ A reprodução social, segundo as autoras do livro, é a atividade de produção de pessoas, isto é, a atividade que não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, mas que também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar, cria a “força de trabalho” (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2018). Para o marxismo o modo de produção não é mera reprodução da existência física, mas é o modo pelo qual os seres humanos produzem seus meios de vida; é uma forma de manifestar a vida; de manifestar um determinado modo de vida. A produção da força de trabalho é um processo que remete tanto à sua reprodução quanto à sua manutenção e, para isso, faz-se necessário dispor dos meios de sobrevivência. E esta, na sociedade capitalista, é obtida por meio da relação entre o proprietário do capital e comprador da força de trabalho (apropriador do mais-valor) e o proprietário da força de trabalho (aquele que produz mais-valor, e reproduz e mantém a vida como um todo e de todos).

⁸ A história escrita, até então conhecida (a história antes do surgimento das classes). Mais tarde descobriu-se que as sociedades anteriores à história escrita, se baseavam na propriedade comum da terra (MARX e ENGELS, 2007; VIANA, 2017).

princípios inventados, mas em pressupostos reais e históricos, em uma realidade concreta que se desenvolve ao longo da história, mas que, apesar de suas modificações, ainda hoje se apresentam como um antagonismo de classe, expresso, fundamentalmente, na luta entre a classe dominante e a classe produtora, cuja relação constitui as relações de produção dominantes e expressa um processo de exploração e luta.

A partir desta realidade concreta, Marx busca reconstituir a história da humanidade, para então compreender a essência da atual sociedade, o capitalismo. Para isso desenvolveu alguns conceitos fundamentais, tais como o de modo de produção, classe, luta de classes, que nos possibilitam compreender as sociedades em geral, bem como as especificidades de cada uma. O modo de produção se refere ao processo de produção material, isto é, o modo como indivíduos em sociedade produzem os meios essenciais e indispensáveis para satisfação das próprias necessidades. Esta produção é também uma relação social que, nas sociedades classistas, são relações de classes sociais, fundada na divisão social do trabalho (específica em cada modo de produção classista).

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm que reproduzir. Não se deve considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de manifestar sua vida, determinado modo de vida dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 2007, p. 87).

Este processo de produção nas sociedades de classes, como já mencionado, é constituído na exploração de uma classe sobre a outra. As classes, por sua vez, “são compostas por um conjunto de indivíduos que compartilham o mesmo modo de vida (modo de atividade), e isso gera interesses comuns e luta com as demais classes” (MARX *apud* VIANA, 2017b, p. 79). Na sociedade capitalista, além da burguesia e do proletariado, existem outras classes (burocracia, intelectualidade, lumpemproletariado etc.), e elas vivem constantemente em luta. No entanto, de todas as classes que se opõem⁹ à

⁹ Consideramos importante destacar que existe uma distinção entre oposição e antagonismo. Enquanto oposição implica uma divergência específica em meio uma convergência geral, por outro lado, o antagonismo expressa perspectivas radicalmente distintas, irreconciliáveis, significa uma divergência radical simultaneamente específica

burguesia, somente o proletariado é a classe verdadeiramente revolucionária. Ela é a única classe capaz de levar à revolução radical, à emancipação humana universal.

Em todas as revoluções sociais até aqui, o que ocorreu foi a troca da classe dominante e não a abolição das classes sociais. Cada classe ascendente buscou colocar-se como “representante universal” de todas as classes exploradas, condenando a classe dominante de sua época, mas uma vez que chega ao poder, torna-se a nova classe dominante, apresentando seus interesses particulares como os interesses gerais da sociedade, aparecendo, por conseguinte, como a classe emancipadora de toda a humanidade (MARX; ENGELS, 2007; VIANA, 2017a).

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado. Entretanto, em nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado (MARX; ENGELS, 2007, p. 40-41).

E este processo só é interrompido com a emergência de uma classe social que pode abolir as classes sociais em geral, com

a formação de uma classe com cadeias radicais, de uma classe da sociedade civil que não é uma classe da sociedade civil, de um estado que é a dissolução de todos os estados, de uma esfera que possui caráter universal por seu sofrimento universal e que não reclama um direito particular porque não sofreu uma injustiça particular mas a injustiça mesma, que já não pode apelar a um título histórico, mas simplesmente ao título humano, que não está em oposição unilateral com as consequências, mas em oposição total com as condições da essência estatal alemã; de uma esfera, finalmente, que não pode emancipar-se sem emancipar todas as outras esferas da sociedade e por isso emancipar todas elas; que seja, em uma palavra, a perda total do homem e que portanto só pode reencontrar a si mesma ao voltar a reencontrar novamente o homem em sua totalidade. Essa dissolução da sociedade como classe particular é o proletariado (MARX, 1968, p.45).

Eis a ideia central do *Manifesto Comunista* (bem como a ideia que perpassa toda a teoria marxista): *o proletariado é a classe revolucionária de nossa época*. Isto se deve ao que seu ser-de-classe, seu determinado modo de vida, interesses e luta, o constrange a

e geral (TELES, 2019). Assim, a oposição das demais classes à burguesia, se refere às disputas por interesses imediatos de classes no interior desta sociedade, sem apontar para a ruptura com suas relações fundamentais. Enquanto o antagonismo do proletariado à burguesia aponta para interesses históricos, fundamentais e inconciliáveis e um projeto de sociedade completamente distinto, devido à posição (e, por conseguinte, modo de vida, interesses, antagonísticos) ocupada na divisão social do trabalho constituída no interior do modo de produção dominante.

fazer para se libertar. É o proletariado, devido a suas “cadeias radicais”, que representa, ao mesmo tempo, os interesses particulares de classe e o interesse geral da sociedade (MARX, 1968). O proletariado ao se libertar leva à libertação de toda a sociedade, pois ele é a dissolução da sociedade de classes. Entretanto, não é o proletariado isolado, anistórico, mas o proletariado concreto, determinado, histórico, envolvido num conjunto de relações sociais, que é submetido ao domínio do capital, ao trabalho alienado, e que ao resistir e lutar contra isto, como classe autodeterminada¹⁰, nega o capitalismo trazendo em si o germe de uma nova sociedade (VIANA, 2017a).

Diante disso, nos perguntamos: poderá a revolução ser obra das mulheres? De acordo com as feministas do manifesto para os 99%, não é apenas a classe que nos une, afinal, esta não seria composta por indivíduos homogêneos, sobre a qual incide um único tipo de “opressão”. Ao contrário disso, a classe se produziria a partir da “multiplicidade de lutas vindas de baixo”, sendo, portanto, necessário abarcar todas essas lutas, pois, é pela luta na e por meio da diversidade, que se pode alcançar o poder coletivo de que se precisa para transformar a sociedade. Cabendo, por conseguinte, às mulheres, mais especificamente, às tais feministas, estarem na “dianteira deste levante em massa”.

Mas o que seriam as mulheres? As mulheres são um grupo social e, este, por sua vez, é definido como um “conjunto de indivíduos que possuem aspectos em comum, que podem ser a cultura, a constituição física, um projeto político, demandas sociais, ou qualquer outro”. Assim, “um grupo social é um conjunto de indivíduos que possuem algo em comum que os integra de forma específica na sociedade e por isso são sociais” (VIANA, 2016, p. 25). E, por possuírem algo em comum, este conjunto de indivíduos, que forma o grupo social, também compartilha semelhanças que derivam de sua corporeidade, situação e cultura. Por conseguinte, podemos identificar três grupos sociais, a saber: os grupos orgânicos, no qual a unidade se dá através da corporeidade;

¹⁰ O proletariado surge como classe determinada, isto é, constituída pelas relações sociais existentes, submetida ao domínio do capital, ao trabalho alienado. Sua luta contra a burguesia é realizada dentro dos limites impostos pelo capital, por meio de reivindicações (diminuição da jornada de trabalho, aumento salarial, melhorias nas condições de trabalho etc.) que visam apenas melhorar sua situação no interior da sociedade, ou seja, sua luta ainda está atrelada aos interesses imediatos. É na passagem de classe determinada (em si) para classe autodeterminada (para si) — quando se organiza e reconhece seus interesses fundamentais e históricos, via organizações autárquicas — que o proletariado põe em xeque o modo de produção capitalista, e ao mesmo tempo, constitui o embrião das relações de produção de uma nova sociedade (VIANA, 2017).

os grupos situacionais, onde sua própria situação social gera sua unidade; e os grupos culturais, onde as crenças, doutrinas e outras expressões culturais é que geram sua unidade. Apesar das semelhanças que unem determinados indivíduos em um grupo específico, estes mesmos indivíduos pertencem a classes sociais distintas, assim um grupo social pode ser monoclássista (grupo composto por indivíduos apenas de uma classe social) ou policlássista (grupo composto por indivíduos pertencentes a duas ou mais classes sociais) (VIANA, 2016).

Desta maneira, podemos dizer que as mulheres são um grupo social orgânico, logo, sua unidade se dá pela corporeidade. Todavia, o grupo das mulheres não é homogêneo, ele é composto por mulheres de distintas classes sociais (o grupo das mulheres é, portanto, policlássista) e, conseqüentemente, possuem interesses distintos — *se o corpo nos une, a classe nos separa*. Apesar de unidas pela corporeidade e pela situação social de subordinação — nas sociedades de classes — não dá pra se falar em unidade entre as mulheres¹¹, e muito menos que elas são as “responsáveis” por sua emancipação e, por conseguinte, pela emancipação humana. A emancipação das mulheres, de todos os demais grupos sociais, bem como de toda a humanidade só será possível através da revolução autogestionária, onde o proletariado, agente verdadeiramente revolucionário, tende a abolir as relações sociais capitalistas, dando fim às lutas de classes. Ao abolir as classes, o proletariado emancipa a si mesmo e a toda a humanidade.

A ideia apresentada no “manifesto” feminista de que as mulheres são as maiores vítimas da atual “crise do capitalismo” e que, por isso, elas devem ser as “protagonistas” da luta contra sua “opressão”¹², é contrarrevolucionária. Ela surge com o paradigma

¹¹ Todas as mulheres, nas sociedades de classe, são subordinadas às relações sociais capitalistas. No entanto, esta subordinação possui formas e graus diferentes, dependendo da classe na qual as mulheres fazem parte.

¹² As palavras carregam significado político e social, podendo servir tanto a um propósito revolucionário quanto a um propósito contrarrevolucionário. Nesse sentido, a linguagem faz parte da luta cultural, na qual se confrontam a perspectiva burguesa e a perspectiva do proletariado. O marxismo é um saber complexo que expressa teoricamente a mentalidade revolucionária, constituindo uma totalidade de pensamento (uma episteme, um modo de pensar) antagônica ao modo de pensar burguês. Logo, seu campo linguístico é também antagônico ao campo linguístico burguês, e isso faz com que o uso de termos marxistas fora do seu campo linguístico para interpretá-lo ou expressar suas concepções, nada mais seja que a deformação do marxismo. Com a emergência do paradigma subjetivista, temos uma renovação linguística e hegemônica, que ocorre por meio da resignificação de diversos termos, bem como da inovação de outros. À medida que vai se tornando hegemônico vai se ampliando e tornando-se presente nos meios acadêmicos e intelectuais, nos meios oligopolistas de comunicação, invadindo a produção cultural em geral, e chegando a ser popularizada e simplificada. E a partir daí

subjetivista, que realiza uma contrarrevolução preventiva¹³ e cujo ataque fundamental é contra o marxismo, através da recusa da radicalidade que se manifesta no antagonismo, luta de classes. Esta recusa aparece, na maioria das ideologias, como ausência da luta de classes, ou na substituição do proletariado por diversos outros “sujeitos”, ou ainda por um “sujeito coletivo” metafísico (VIANA, 2019). É exatamente isso que as autoras do manifesto fazem, ao colocar as mulheres como o eixo fundamental de análise e, conseqüentemente, o sujeito revolucionário, substituindo o proletariado, unindo-as a outros sujeitos que vivem as mesmas relações “opressivas”.

Isso não quer dizer que as mulheres não devem lutar contra sua situação de subordinação. A questão para nós é como esta luta se dá. As feministas se apresentam, desde o seu surgimento, como representantes das mulheres como um todo, colocando seus interesses particulares como sendo os interesses das mulheres em geral. No “manifesto feminista” fica claro que elas se propõem ser a “vanguarda” — o que revela que não são marxistas, mesmo dizendo que são¹⁴ — do movimento geral das mulheres, e dos demais grupos “oprimidos”, cuja base não se constitui através da classe (a classe aparece como “mero adereço”), mas por meio dos indivíduos “oprimidos” dos distintos grupos sociais.

O manifesto feminista está longe de ser “planetário” e revolucionário, como o *Manifesto Comunista*. E, ao contrário do *marxismo*, que é expressão teórica do

emerge os termos-chave (chavões lançados cotidianamente), tais como “protagonistas”, “opressão”, “sistema” (entre outros), utilizados pelas autoras do manifesto (VIANA, 2018; VIANA, 2019).

¹³ Após a derrota do Maio de 68, que tinha o marxismo como principal referência teórica, se instaurou uma contrarrevolução preventiva, cujo alvo principal era combatê-lo. O marxismo foi, portanto, assimilado e deformado de acordo com os interesses dominantes (VIANA, 2019).

¹⁴ As autoras do livro-manifesto são intelectuais, logo, produtoras de ideias, de representações, expressando uma determinada consciência da realidade. A intelectualidade é uma classe social composta por indivíduos dedicados exclusivamente ao trabalho intelectual, que surge com o desenvolvimento da divisão social do trabalho, e faz parte das classes superiores, sendo, portanto, uma classe auxiliar da classe dominante. Os intelectuais são expressão e representante intelectual da burguesia, cuja função é produzir, reproduzir, sistematizar ideias que auxiliam a burguesia na reprodução e manutenção das relações sociais existentes. No entanto, existem os indivíduos pertencentes a esta classe que rompem com seus interesses, passando a expressar os interesses das classes inferiores, partindo da perspectiva do proletariado, estabelecendo uma luta no interior da intelectualidade entre ideólogos, aqueles que expressam a consciência burguesa, e os marxistas, que expressam a consciência do proletariado revolucionário. As feministas do manifesto, apesar de se colocarem como marxistas, são na verdade pseudomarxistas — deformam o marxismo, negando o proletariado enquanto a classe revolucionária de nosso tempo, e defendem a ideologia da representação, da vanguarda, expressando, assim, interesses antagônicos aos do proletariado revolucionário (MARQUES, 2013; VIANA, 2011; VIANA, 2005).

proletariado revolucionário (KORSCH, 1977), o feminismo não passa de uma ideologia¹⁵ que coloca a realidade “de cabeça para baixo”, deformando-a. Com seu livro colorido, e suas fraseologias, as feministas do manifesto fazem promessas vazias que jamais irão/poderão cumprir. Propõem uma transformação que nada transforma, apenas reforma. Se para o feminismo a “revolução será feminista ou não será”, nós, ao contrário, afirmamos: a revolução será proletária ou não será. A emancipação da classe trabalhadora será obra da própria classe trabalhadora (MARX, 2012).

Proletários e proletárias de todo o mundo, uni-vos!

Referências

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARIA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: Um Manifesto*. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOMES, Marcus. *Marx e a Questão da Consciência*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

MARQUES, Edmilson. *Intelectualidade e Luta Cultural*. In: MARQUES, Edmilson; BRAGA, Lisandro (Orgs.). *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol 1. 2ª Edição, São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *Crítica de la Filosofía del Derecho de Hegel*. Lisboa: Presença, 1978.

TELES, Gabriel. *Marxismo Autogestionário e Leninismo: Oposição ou Antagonismo?* Enfretamento, v.14, n.24, 2019. Disponível em:
<https://redelp.net/revistas/index.php/renf/article/view/365> Acesso em: 30/05/21

¹⁵ Trabalhamos aqui com o conceito marxista de ideologia, “sistema de pensamento ilusório”, isto é, é uma forma de pensamento, de consciência sistemático e ilusório, realizado pelos ideólogos, que são os seus sistematizadores. A ideologia corresponde aos interesses da burguesia. Para uma melhor compreensão acerca da ideologia ver: (MARX e ENGELS, 2007); (VIANA, 2017); (GOMES, 2020).

- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018.
- VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. São Paulo: Chiado, 2017a.
- VIANA, Nildo. *Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Prismas, 2017b.
- VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo está em Crise? Informe e Crítica*, 2014. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2014/12/o-capitalismo-esta-em-crise-nildo-viana.html> Acesso em: 10/05/21.
- VIANA, Nildo. *A Intelectualidade Como Classe Social*. Informe e Crítica, 2011. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2011/03/intelectualidade-como-classe-social.html> Acesso em: 20/05/21.
- VIANA, Nildo. *Os Intelectuais e o Poder*. Revista Espaço Livre, Vol. 01, num. 02, jul-dez, 2005. Disponível em: <https://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/671> Acesso em: 20/05/21.